

Uma entrevista com
Marshall Govindan (Satchidananda)

Siddhantha,
Advaita e
Yoga



Marshall Govindan (também conhecido como **Satchidananda**) é discípulo de Babaji Nagaraj, o famoso mestre do Himalaia, que resgatou, sistematizou e transmitiu a Kriya Yoga, e também de seu discípulo já falecido, Iogue S.A.A. Ramaiah. Govindan pratica Kriya Yoga intensamente desde 1969, incluindo 5 anos na Índia.

Desde 1980, ele tem estado envolvido na pesquisa e publicação dos textos dos Yoga Siddhas. É autor do bestseller *Babaji e os 18 Siddhas: a Tradição da Kriya Yoga* (já publicado em 15 línguas, inclusive o português); de *Os Kriya Yoga Sstras de Patânjali e os Siddhas* (também publicado em português), e de *The Wisdom of Jesus and the Yoga Siddhas*; entre outros livros. Foi também o editor da primeira tradução internacional em inglês do *Tirumandiram* (um clássico em Yoga e Tantra).

Desde 2000, ele patrocina e dirige uma equipe de sete pesquisadores eruditos no Tâmil Nadu, Sul da Índia, em um projeto de pesquisa em grande escala para a preservação, transcrição, tradução e publicação da totalidade da literatura relacionada ao Yoga dos 18 Siddhas. Já foram produzidas seis publicações a partir deste projeto, incluindo o *Tirumandiram* em 2010.

Entrevista: Siddhantha, Advaita e Yoga

com M. G. Satchidananda

direitos autorais © 2014

Conteúdo

Pergunta: Por que decidiu conceder esta entrevista? Qual é o seu objetivo?	3
Pergunta: Qual é a relação entre Siddhantha, Advaita e Yoga?	3
Pergunta: O que é Siddhantha?	3
Pergunta: Por que o Siddhantha é “novo”?	6
Pergunta: O que o Siddhantha nos diz sobre a alma e sua relação com o corpo?	8
Pergunta: Qual é a concepção de Deus dos Siddhas?	9
Pergunta: Qual é o objetivo do Siddhantha?	10
Pergunta: Como a libertação em relação aos grilhões da alma e aos modos da natureza é realizada, de acordo com o Siddhantha?	11
Pergunta: Qual é a causa do sofrimento humano e como superá-lo?	12
Pergunta: Qual a diferença de monismo ou não-dualismo (advaita) e dualismo (dvaita) e pluralismo (teísmo)? ..	13
Pergunta: Por que essas distinções são importantes?	13
Pergunta: O que é Maya e por que o Siddhantha é considerado um teísmo monista?	15
Pergunta: O que é a iluminação e como ela se relaciona com esta discussão?	17
Pergunta: Por que você disse no início desta entrevista que o Siddhantha começa onde o Advaita termina?	18
Pergunta: Por que os Siddhas não se consideram especiais e pouco ou nada falam de suas vidas pessoais?	20
Pergunta: Qual é o significado dos siddhis ou poderes milagrosos dos iogues?	21
Pergunta: Qual é a relação entre a Kriya Yoga de Bábaji e o Siddhantha?	22
Pergunta: O “caminho quántuplo” da Kriya Yoga de Bábaji me faz lembrar dos vários tipos de Yoga recomendados por Sri Krishna na Bhagavad Gita, de acordo com natureza ou caráter essencial (svabhava) do indivíduo:	23
Pergunta: Se as práticas dos Siddhas são tão benéficas, por que elas são mantidas em segredo? Por que são ensinadas apenas durante iniciações?	24
Pergunta: Qual é o valor do corpo humano para o desenvolvimento espiritual?	25
Pergunta: O que é o neadvaita e por que ele é controverso?	26
Pergunta: Por que é importante entender o Siddhantha, o Advaita e o Yoga?	29

Pergunta: Por que decidiu conceder esta entrevista? Qual é o seu objetivo?

Satchidananda: Para conhecer a verdade e evitar o sofrimento, é preciso colocar-se algumas questões fundamentais, tais como: Deus existe? Se existe, como posso conhecê-lo? Tenho uma alma? Por que nasci? Qual é o propósito da minha vida? Por que há sofrimento no mundo? O objetivo desta entrevista é ajudar o leitor a melhorar sua compreensão destas questões, na perspectiva das tradições que me informaram em meu caminho espiritual. A maioria dos aspirantes ocidentais não tem conhecimento dessas tradições espirituais, nem dos seus requisitos. Palavras (independentemente do seu número) não revelam a verdade, mas podem sinalizá-la e fornecer dela um vislumbre. No entanto, é preciso ir além das palavras. É no silêncio que a verdade pode ser compreendida. E é esta a abordagem de todas as tradições espirituais. O espírito não tem forma, por isso não pode ser capturado em palavras. Só em silêncio. Mas não se deve cometer o erro de muitos aspirantes espirituais ocidentais. Hoje em dia, os aspirantes têm tanta pressa para se tornarem “iluminados” que ignoram ou dispensam estas perguntas. Espiritualidade não significa ser-se “anti-intelectual”. Também não significa que a pessoa só tenha que encontrar a técnica mais eficiente, o melhor professor, ou fugir do mundo.

Pergunta: Qual é a relação entre Siddhantha, Advaita e Yoga?

Satchidananda: O meu professor, o iogue Ramaiah, costumava dizer que o Siddhantha começa onde o Advaita termina. E acrescentava que a Kriya Yoga de Bábaji é a destilação prática do Siddhantha. Mas, antes de responder a esta pergunta, será necessário discutir cada um dos conceitos separadamente.

Pergunta: O que é Siddhantha?

Satchidananda: A palavra “Siddhantha” refere-se à essência dos ensinamentos de um conjunto de iogues indianos adeptos do Tantra, conhecidos como “Siddhas”, ou mestres perfeitos. Os Siddhas atingiram um certo grau de perfeição ou de poderes divinos conhecidos como “siddhis”. Os Siddhas, também encontrados no contexto do budismo tibetano, eram místicos que enfatizavam a prática de Kundalini Yoga para realizar a sua divindade potencial em todos os cinco planos da existência. Eles condenavam a religião institucionalizada com a sua ênfase na adoração de ídolos, o ritualismo, o sistema de castas e a dependência em relação às Escrituras. O que eles ensinavam era o resultado de sua própria experiência, que é, segundo eles, a fonte mais confiável de conhecimento e sabedoria. Para adquirir esse tipo de conhecimento e sabedoria precisamos nos voltar para dentro, para as dimensões sutis da vida, usando para isso as técnicas do yoga e da meditação. A maioria de suas obras literárias foi escrita há 800-1600 anos, e outras podem ter sido escritas no século II d.C. O sufixo “anta” significa “fim último”. Siddhanta constitui, portanto, a meta final, a conclusão ou a consecução dos objetivos dos Siddhas, os mestres perfeitos. A palavra também pode ser lida como uma contração dos termos *citta* e *anta*, referindo-se, neste caso, ao fim da faculdade de pensar. Por conseguinte, este seria o estado atingido quando a consciência vai além do pensamento.

Os Siddhas existiram por toda a Índia e até mesmo no Tibete, mas a tradição a que pertencemos, e cujos os escritos temos estudado, traduzido e publicado desde a década de 1960, é do sul da Índia, e é conhecida como “Kriya Yoga Siddhantha Tâmil”. Os escritos dos Siddhas tâmeis foram realizados na forma de poemas, na língua vernacular do povo, em vez de o serem no tradicional idioma sânscrito, que era conhecido apenas pela casta sacerdotal dos brâmanes. Em nenhuma parte dos seus escritos pode-se ler os Siddhas cantarem louvores a qualquer divindade. Teologicamente, seus ensinamentos podem ser classificados como “teísmo monista”. Mas os Siddhas não tentam nas suas escrituras criar um sistema filosófico ou uma religião. Eles procuram oferecer ensinamentos práticos, particularmente relacionados com a prática de Kundalini Yoga, ajudando-nos a receber a Verdade diretamente, e a perceber o que se deve evitar no caminho espiritual.

Filiação sectária não tem importância para os Siddhas. Eles se sentem à vontade entre pessoas de todas as crenças. A sua abordagem em direção à Verdade é, primeiro, experimenta-la em Samadhi, a comunhão mística de absorção cognitiva; e, em seguida, render-se gradual e completamente à Experiência, até que esta se torne o estado permanente de consciência do aspirante. A abordagem dos Siddhas não inclui tentativas de construção de sistemas filosóficos ou de crenças religiosas. Os poemas dos Siddhas não mostram nenhum vestígio de opiniões compartilhadas ou de pensamento coletivo. Bem ao contrário, a sua perspectiva é a de uma “filosofia aberta”, em que todas as expressões da Verdade são valorizadas. Seus poemas e canções não pregam qualquer doutrina; apenas sugerem uma direção por meio da qual o aspirante espiritual pode ter a experiência pessoal, direta, intuitiva e profunda da Verdade Divina.

Os Siddhas, no entanto, usaram uma linguagem forte, projetada para chocar as pessoas de moralidade convencional e tendência egoísta. Empregaram o idioma comum do povo, ao invés do sânscrito elitista. Exortaram seus ouvintes ou leitores a se rebelarem contra os pretensiosos, as crenças e práticas ortodoxas vazias, incluindo a adoração nos templos e os rituais, o sistema de castas, e a petição na forma de orações. Ensinaram que, uma vez que o ego se renda completamente, a experiência pessoal toma o lugar das Escrituras, tornando-se a autoridade suprema, expressão da própria Verdade. O Siddha é um livre-pensador e revolucionário que recusa a se deixar levar por qualquer dogma, escritura ou ritual. O Siddha é um radical, no verdadeiro sentido do termo, pois ele próprio já foi à “raiz” das coisas.



Os 18 Siddhas Tâmeis (Saraswati Mahal Museum, Tanjore, Tâmil Nadu, Índia)



Siddha Tirumular, autor do Tirumandiram (Pintura de teto do Templo de Chidambaram, Tâmil Nadu, Índia)



Siddhas Tâmeis, Kriya Yoga Ashram, Kanadukathan, Tâmil Nadu, Índia

Pergunta: Por que o Siddhantha é “novo”?

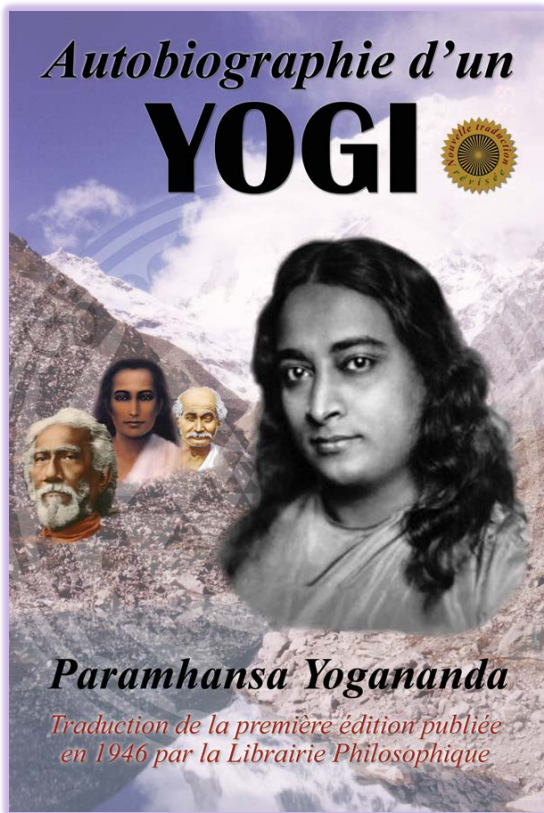
Satchidananda: Tirumular, provavelmente o mais velho dos Siddhas tâmeis, afirma em sua obra *Tirumandiram*, escrita no século V d.C., estar revelando uma “nova yoga” (*nava yoga*), que trará a transformação completa da condição humana, incluindo o corpo físico. Os Siddhas que viveram mais tarde referem-se a essa nova yoga como Kundalini Yoga. Durante o primeiro milênio da era cristã, os Siddhas inventaram a Kundalini Yoga, considerando-a um poderoso meio de autorrealização. Era um produto de seus esforços experimentais para encontrar formas mais eficazes para conhecer a verdade das coisas que se pudesse acrescentar aos caminhos fortemente intelectuais, ritualísticos, devocionais ou ascéticos, e para transformar a natureza humana.

O Siddhantha continua “novo” hoje porque o *Tirumandiram* e outros escritos dos 18 Siddhas tâmeis eram desconhecidos fora do contexto da língua tâmil, falada no sul da Índia e no Sri Lanka, até que essas obras fossem pela primeira vez traduzidas por nós. Tais obras foram ignoradas ou mal interpretadas pelos eruditos e especialistas por causa de sua deliberadamente obscura “linguagem crepuscular”. Os Siddhas condenaram os pandits e sacerdotes brâmanes ortodoxos, incorrendo na ira dos membros dessas comunidades, que os viam como mágicos ou algo pior. Consequentemente, os seus manuscritos não foram preservados nos repositórios institucionais tradicionais, como os templos e as bibliotecas, mas apenas por famílias de médicos, os Siddha Vaidhyas, que mantiveram as obras secretamente, e aplicavam os seus ensinamentos apenas para fins medicinais.

Por causa da ignorância generalizada em relação aos seus ensinamentos e da associação popular dos Siddhas com “mágicos” pela comunidade ortodoxa, até há bem pouco tempo essas obras não tinham sido levadas em consideração em vários círculos da sociedade indiana. Posso recordar vividamente a resposta sarcástica e emocional de um famoso professor de Vedanta, um swami renomado e membro da comunidade brâmane, cuja língua materna era o tâmil, quando, em 1986, lhe perguntei a sua opinião sobre os escritos dos Siddhas tâmeis. Também me lembro da resposta típica de muitas pessoas no norte da Índia, quando eu mencionei que o nosso guru era Bábaji Nagaraj. Se tivessem lido o livro *Autobiografia de um iogue*, perguntavam: “Ele ainda está vivo?”. Se não tivessem lido e nós mencionássemos que ele tinha vários séculos de vida, diziam algo como: “Ele deve ter muito mau carma por ser obrigado a permanecer neste mundo de sofrimento por tanto tempo”.

Mesmo os líderes de outras linhagens da tradição da Kriya Yoga têm sido incapazes de apreciar o “novo” no que diz respeito a Bábaji e aos Siddhas. Sri Yukteswar disse com relação a Bábaji: “Ele está além da minha compreensão”. Isto é, seu estado não poderia caber dentro do paradigma do Vedanta, no qual Sri Yukteswar foi educado. Yogananda e outros só poderiam concebê-lo como um “Avatar”, uma encarnação do próprio Deus, ou como “Cristo”, mas Bábaji nunca referiu a si mesmo nesses termos. Yogananda na sua autobiografia menciona, na primeira página do capítulo em que apresenta Bábaji ao leitor, que, como o Siddha Agastyar, Bábaji vive há milhares de anos. Yogananda não captou quão próximos esses dois Siddhas realmente eram, e que, tal como Agastyar, Bábaji também foi um ser humano que se tornou Siddha, e não um Deus que se tornou Avatar. Avatares são extremamente raros. Eles não são encontrados dentro da tradição Shaiva, mas apenas na tradição Vaishnava (com dez avatares sucessivos, incluindo

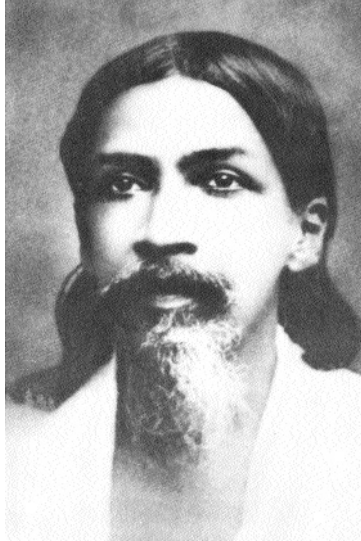
Rama e Krishna). Todas essas afirmações refletem as perspectivas limitadas dos filósofos do Vedanta, do Samkhya, cristãos ou vaishnavas. Sri Aurobindo é um dos poucos sábios dos tempos modernos que poderia apreciar o que os Siddhas foram, inclusive Tirumular, Bábaji e Ramalinga.



Capa de nossa publicação da Autobiografia de um Iogue, de Paramahansa Yogananda, mostrando Sri Yukteswar, Bábaji, Lahiri Mahasaya e Yogananda



Siddha Agastyar



Sri Aurobindo (1872-1950)

Pergunta: **O que o Siddhantha nos diz sobre a alma e sua relação com o corpo?**

Satchidananda: Qualquer metafísica tem que lidar com três conceitos: Deus (*pati*), alma (*pasu*) e mundo (*pāsam*) e a inter-relação entre eles. Está claro que o corpo faz parte do mundo. O Siddhantha, conforme foi elaborado na literatura tâmil do sul da Índia, ensina que, por emanção de si mesmo, Shiva, isto é, Deus, criou tudo – o mundo, todas as almas e todas as coisas do mundo – e que cada alma está destinada, em última instância, a se fundir em união adváitica com Deus, tal como um rio se funde com o mar, ou uma onda retorna ao oceano.

Shiva, ou Deus, criou e está constantemente criando, preservando e reabsorvendo todas as coisas que emanam de si mesmo: a alma individual do homem, todos os mundos e seus conteúdos. Ele é o princípio e o fim, o autor da existência. Ele é, ao mesmo tempo, a causa material e eficiente, e, portanto, seu ato de manifestação pode ser comparado às centelhas emitidas por uma fogueira ou aos frutos que surgem de uma árvore. A alma individual é, em essência, Sat-Chit-Ananda, que significa: existência, consciência e bem-aventurança ou felicidade incondicionais. Essa essência da alma não é diferente de Deus. Não é uma coisa, não é um objeto. A alma individual é a observadora, não o observado. É o sujeito. A alma é um ser resplandecente, um corpo de luz, anandamayakosha. É criada, evolui como um ser aparentemente separado e, finalmente, se funde em união indiferenciada com Deus, formando a unidade que pode ser chamada de identidade.

Mas o Siddhanta monista também ensina que a alma é, de forma temporária, diferente de Deus. Essa diferença existe devido à individualidade da alma, e não à sua essência. O corpo da alma, anandamayakosha, composto de pura luz, é criado e limitado. A alma não é onipotente ou onipresente na sua concepção. Pelo contrário, ela é limitada e individual, mas não imperfeita. É isso que permite a evolução. E é esse o propósito por trás dos ciclos de nascimento e morte (*samsara*): levar o corpo da alma individual à maturidade. As várias faculdades da mente,

percepção, discriminação, que não são a alma, mas “cercam” a alma, são ainda mais limitadas do que o corpo da alma. Por isso seria uma insensatez equiparar essas faculdades com Deus. Depois de muitos nascimentos e evolução, que resultam da existência terrena, o corpo da alma funde-se com Deus. Essa fusão é chamada vishvagrasi. Depois dessa fusão, a alma não pode dizer: “Eu sou Shiva”, pois não há um “eu” para fazer esta reivindicação. Há apenas Shiva.

O mundo e a alma são, na verdade, formas variadas de Shiva. No entanto Shiva transcende sua criação e não é limitado por ela. Além disso, o mundo e a alma não podem existir independentemente de Shiva, fato que deixa claro que eles são manifestações e não entidades eternas. Quando mundo e alma são reabsorvidos no Divino, isto é, no momento da Mahâpralaya – o fim de um ciclo criacional cósmico –, os três *malas* (anava, karma e maya) são removidos por meio da Graça Divina. A alma deixa de existir como ente individual, perdendo a sua separação por meio da união e realização em Shiva. Após Mahâpralaya, só existe Shiva. E tal situação manter-se-á até que Shiva recomece um novo ciclo cósmico.

Pergunta: Qual é a concepção de Deus dos Siddhas?

Satchidananda: Eles se referiam a Deus como Śivam, sem quaisquer limitações ou atributos. Śivam é gramatical e filosoficamente uma concepção impessoal. Os Siddhas mantêm que o nome ideal para o Śivam é Tat (“Isso”), Parâparam (“Realidade Última” ou “Além do Além”), Sat-Chit-Ananda (“Ser-Consciência-Beatitude” irrestritos). Śivam não é um Deus pessoal. É uma prática, uma porta de entrada. É consciência ou percepção fundamentais. A obtenção da “Consciência de Śiva” ou “Śiva-Consciência” é chamada de Mukti ou “Libertação”. É certo que Tirumular referiu-se ao aspecto religioso de Deus, mas ele acreditava em uma “Suprema Abstração” ou “Unidade Absoluta”. Sua expressão para isso era Taṇi-Uṛṛa- Kevalam (*Tirumandiram*, *Mandiram* 2450). Um estudo mais aprofundado do conceito de Śivam mostra que existem dois caminhos no pensamento indiano: um teísta, com um relacionamento pessoal ou devocional com Deus, baseado na Bhakti Yoga; e outro tântrico ou absolutista, baseado na Kundalini e Jñāna Yoga. O método da Bhakti é pluralista, conforme refletiu-se na escola do Śaiva Siddhānta. O método absolutista é monista, conforme refletiu-se no *Tirumandiram*.

Seus poemas referiram-se às cinco ações cósmicas de Śivam como sua dança bem-aventurada, realizada por meio de sua Śakti ou poder, devido ao seu amor pelas almas:

1. Criação – de modo a proporcionar às almas os meios para crescerem em sabedoria e, em última instância, perceberem sua unidade na diversidade;
2. Conservação – como as almas se enredam na ignorância, na ilusão e no karma, elas são protegidas e sustentadas por vários meios, para sua edificação;
3. Dissolução – quando as almas são removidas da encarnação neste mundo, elas obtêm um alívio temporário de seu sofrimento, durante o qual se preparam para a próxima encarnação;

4. Obscurecimento – o poder que esconde a unidade da alma com Śivam, e que, de fato, obriga a alma a procurar a sabedoria, a verdade além da ilusão mental e do véu de Maya;
5. Graça – a remoção dos três grilhões ou manchas da alma, a ignorância, a ilusão e o karma.

Na verdade, a graça e o amor de Śivam são concedidos em todas as cinco ações cósmicas, ajudando cada alma a crescer em maturidade e conduzindo-a à libertação. Por meio dos ciclos cósmicos de involução e evolução, essa dança continua ao longo dos éons. O objetivo final da dança continua sendo um mistério até que a alma seja libertada e se reúna com o secreto Eu, Śivam.

Pergunta: Qual é o objetivo do Siddhantha?

Satchidananda: De acordo com os siddhas ou almas realizadas, o objetivo final da vida é a “entrega total”. Isso inclui a realização de Vettivel, o Vasto Espaço Luminoso, a Consciência Cósmica, e uma transformação progressiva de nossa natureza humana em todas as dimensões, formando o Corpo Divino, ou Divya Deha [leia artigo sobre o conceito de Vettivel na edição do outono de 2014 do *Jornal da Kriya Yoga de Bábaji*].

Os siddhas tâmeis consideravam ambos, o esforço do indivíduo e a Graça Divina, como importantes fatores no caminho da libertação. Esse esforço, a aspiração, é representado pelo triângulo que aponta para cima. Enquanto que a Graça Divina é representada pelo triângulo que aponta para baixo. A combinação e interseção desses dois triângulos forma a base do yantra (objeto geométrico de concentração) mais importante da Tradição Siddha tâmil, representando a integração dos níveis material e espiritual da existência. Os siddhas insistem no valor do Tantra Yoga como meio para atingir a liberdade e a imortalidade da alma durante a presente vida terrena, em vez de esperar pelo Paraíso. Libertação, mokṣa (em sânscrito) ou vidu (em tâmil), é um estado místico que Tirumular chama de Samādhi Ióguico.

“No interior do Samadhi Ióguico, há espaço infinito;
No interior do Samadhi Ióguico, há luz infinita;
No interior do Samadhi Ióguico, há energia onipotente
Samadhi Ióguico é aquilo que os siddhas amam”. (*mandiram* 1490)

Não é a liberdade ou a libertação do ciclo das encarnações, mas a liberdade ou libertação das malas, isto é, das três manchas ou grilhões que prendem a alma humana, limitando as qualidades inerentes de Sat Chit Ananda:

1. Anava: a ignorância da verdadeira identidade, e, conseqüentemente, o egoísmo;
2. Karma: as conseqüências de ações, palavras e pensamentos passados;
3. Maya: a ilusão e os seus agentes (o conhecimento parcial, o poder parcial, os desejos, o tempo e o destino).

É também libertação em relação aos gunas, os modos ou constituintes da natureza:

1. Rajas: o princípio do dinamismo, que é estimulante, móvel, ativo;
2. Tamas: o princípio da inércia, que é pesado, preguiçoso, fatigante, duvidoso, confuso;
3. Sattva: o princípio do equilíbrio e lucidez, que é calmo, iluminador, sábio, conhecedor.

Pergunta: Como a libertação em relação aos grilhões da alma e aos modos da natureza é realizada, de acordo com o Siddhantha?

Satchidananda: Os Siddhas prescreveram a ação direta para purificar as manchas e libertar o Eu dos grilhões. Isso inclui todos os elementos da Kundalini Yoga, com ênfase em poderosos exercícios respiratórios, mantras e abertura dos centros psicoenergéticos, os chakras, bem como elementos do Yoga Clássico, com ênfase no cultivo do desapego, o “deixar ir” dos apegos e aversões. Conhecido como Caminho Óctuplo, o Yoga Clássico inclui normas de comportamento social (yamas), observâncias de autodisciplina (niyamas), ásanas, pranayamas, controle dos sentidos (pratyahara), concentração (dharana), meditação (dhyana) e absorção cognitiva (samadhi). Já a Kundalini Yoga é baseada no reconhecimento de que a consciência segue a energia e a energia segue a consciência. Controlando-se uma, controla-se também a outra. Assim, por exemplo, se sua mente está tão dispersa na ansiedade que impede a meditação, você deve praticar primeiro posturas e exercícios respiratórios para acalmar e controlar a mente. Deixando ir desejos ou medos, também se remove bloqueios energéticos nos nadis (canais de energia) e chakras (centros psicoenergéticos). A meditação enfraquece as máculas do egoísmo, e seu cortejo de desejos e medos, assim como as máculas do karma e da ilusão. Porém elas são completamente eliminadas apenas pelo retorno reiterado à Fonte, no estado de consciência conhecido como samadhi, em que se realiza a identidade com aquilo que está além dos nomes e formas. Serviço desinteressado, ou Karma Yoga, também é prescrito como meio de superar o egoísmo e anular as consequências das ações passadas, o karma.

A natureza humana é sempre objeto do jogo dos três gunas, e a inércia tamásica bem como as paixões rajásicas constantemente ameaçam a personalidade sattívica. Mesmo a mente de um sábio pode ser desviada pelos sentidos e pelos samskaras ou hábitos a eles associados. A perfeita segurança só pode ser encontrada quando a pessoa se estabelece em algo mais elevado do que as qualidades sattívicas de calma e compreensão: no Eu espiritual, que está além da Natureza em seus três modos.

Ao contrário das personalidades tamásica e rajásica, cuja liberdade é caracterizada pela indiferença e solitário isolamento em relação aos outros, a pessoa espiritualmente autorrealizada encontra o Divino não apenas em si mesma, mas em todos os entes. Sua igualdade integra conhecimento, ação e amor, e os caminhos ióguicos de jñana, karma e bhakti. Havendo realizado sua unidade com tudo na dimensão espiritual, sua igualdade é cheia de simpatia. Ela vê a todos como si mesma e não procura a salvação solitária. Ela até mesmo assume o sofrimento dos outros, e trabalha por sua liberação, sem estar sujeita ao seu sofrimento. Desejando compartilhar

sua alegria com todos, tal alma liberta encarna o ensinamento dos siddhas relativo a arrupadai, “mostrar o caminho para os outros”: aquilo que se deve fazer e aquilo que se deve evitar. O siddha, ou sábio perfeito, está sempre engajado em fazer o bem a todas as criaturas e faz disso sua ocupação e deleite (*Gita*, V.25). O iogue perfeito não é uma pessoa solitária, refletindo sobre o Eu em uma isolada torre de marfim. Ele é um polivalente trabalhador universal pelo bem do mundo, por Deus no mundo. Por que tal iogue perfeito é um bhakta, um amante do Divino, ele vê o Divino em todos. Ele é também um karma iogue porque suas ações não o afastam da bem-aventurança da união. Como tal, ele vê que tudo procede do Um e todas as suas ações são dirigidas para o Um.

Pergunta: Qual é a causa do sofrimento humano e como superá-lo?

Satchidananda: Nos *Yoga Sutras*, o siddha Patânjali descreve os cinco kleshas ou causas do sofrimento:

1. Ignorância sobre nossa verdadeira identidade, enquanto alma, enquanto Sat-Chit-Ananda (Ser-Consciência-Beatitude), vendo o impermanente como permanente, o doloroso como prazeroso, o Não-Ser como Ser;
2. Egoísmo, nascido da ignorância, ou o hábito de se identificar com aquilo que não se é: o complexo corpo-mente, suas sensações, sentimentos e pensamentos;
3. Apego, ou agarrar-se ao que é prazeroso;
4. Aversão, ou agarrar-se ao sofrimento, ao medo, àquilo com que se antipatiza;
5. Apego à vida, ou medo da morte.

Patânjali nos ensina que essas causas do sofrimento podem ser desenraizadas, em sua forma sutil, quando rastreadas de volta até a origem, pelo retorno repetido aos vários estágios de Samadhi. E podem ser destruídas, em sua forma ativa, por meio da meditação.

Ele nos diz que a prática da Kriya Yoga tem o objetivo de enfraquecer essas causas do sofrimento e cultivar a absorção cognitiva (Samadhi ou Autorrealização) (*Yoga Sutras*, II.2).



Siddha Patânjali (Pintura de teto do Templo de Chidambaram, Tâmil Nadu, Índia)

Pergunta: **Qual a diferença de monismo ou não-dualismo (advaita) e dualismo (dvaita) e pluralismo (teísmo)?**

Satchidananda: O *Dicionário Webster* define monismo como “a doutrina de que existe apenas um princípio ou substância última, de que a realidade é um todo orgânico sem partes independentes”. Isso é o oposto do dualismo: “a teoria de que o mundo é composto de dois elementos irreduzíveis (matéria e espírito) ... ou a doutrina de que há dois princípios mutuamente antagônicos no universo, o bem e o mal”. O pluralismo é definido com “a teoria de que a realidade é composta por uma multiplicidade de seres, substâncias ou princípios últimos”.

Pergunta: **Por que essas distinções são importantes?**

Satchidananda: São distinções sutis que parecem não se relacionar com nossas experiências religiosas cotidianas. Então, somos inclinados a recusá-las, como se dissessem respeito apenas a filósofos, teólogos, swamis ou satgurus. Todavia, elas são o verdadeiro núcleo da religião e não podem ser vistas como triviais. Elas afetam a todos, pois definem distintas percepções acerca da natureza da alma (e, portanto, de nós mesmos), do mundo e de Deus. Elas oferecem diferentes objetivos espirituais: fundir-se plenamente e para sempre com Ele (um estado que transcende até mesmo o estado de bem-aventurança) ou permanecer eternamente separado de Deus (mesmo que essa separação possa ser vista positivamente como uma bem-aventurança sem fim). Uma visão, o monismo, é unidade na identidade, por meio da qual a alma encarnada, viva, é e se torna Deus (Shiva). A outra visão, pluralismo, é unidade na dualidade, dois em um, na qual a alma desfruta da proximidade com Deus, mas permanece sempre individual, ou três em um, porque a terceira entidade, o mundo, ou pasha, jamais se funde, mesmo parcialmente, com Deus.

Além disso, dependendo de que perspectiva se adote, a visão do mundo muda. O não-dualista (advaitim) vê o mundo como “irreal”, ilusório, e conseqüentemente desimportante. Evita envolver-se com os assuntos do mundo, que são descartados como ilusórios. Não há Deus. Não há alma. Não é teísta nem ateuísta. É monista, significando que existe apenas Um. Existe apenas uma Realidade, referida com Brahman, um impessoal Isso. O objetivo é moksha, libertação da ilusão (Maya), que nos impede de perceber que há apenas Um. Para além do despertar da ilusão de Maya, alcança-se a contínua consciência dessa realidade não-dual. Os meios prescritos englobam a autoinvestigação ou autorrecordação. Isso pode envolver a contemplação de frases com “Quem sou Eu?”, ou “Eu sou Isso”, ou “Eu sou Brahman”, ou o estudo das *Upanishads*, os comentários vedânticos dos *Vedas*. Podem também envolver a expressão de votos formais de renúncia em uma ordem monástica, como a Dasami, a ordem dos swamis fundada pelo maior expoente do advaita, Adi Shankara, no século IX.

O dualista (dvaitim), por outro lado, reconhece que o mundo é real e distinto da alma ou espírito. O Yoga Clássico, baseado na filosofia dualista do Samkhya, ensina que para se libertar do sofrimento no mundo é preciso entrar repetidamente em um estado de consciência conhecido como Samadhi, ou absorção cognitiva. Nesse estado, a pessoa se torna consciente daquilo que é consciente. Transcende a falsa identificação egoísta com o corpo e os movimentos da mente. Como resultado, as causas do sofrimento são gradualmente eliminadas. Em vez da abordagem intelectual do Advaita e do Vedanta, ensina que a Verdade só pode ser conhecida pelo ingresso no estado de consciência do Samadhi, no qual a mente se torna silenciosa. Prescreve uma Sadhana progressiva, práticas espirituais que preparam o indivíduo para o estado de Samadhi. Esta é a abordagem do Yoga Clássico, do Tantra e de algumas escolas devocionais (bhakti) do Vedanta. A autorrealização é o objetivo do Yoga Clássico e a perfeição, envolvendo a transformação da natureza humana, é o objetivo do Tantra.

Este baseia-se em uma compreensão dos princípios da Natureza (tattvas) conforme o Samkhya. E busca permanecer equilibrado em meio aos constituintes da Natureza (gunas), mantendo-se como Observador ou Testemunha, ao invés de se identificar com a personalidade pautada pelo complexo corpo-mente. A experiência pessoal é a autoridade última, ao invés das Escrituras. A frase “Jiva está se tornando Shiva” resume a abordagem teísta monista do Siddhantha e do Shivaísmo da Caxemira. A identidade da alma individual, Jiva, como Isso, Shiva, é a meta final, na perspectiva não dualista.

A visão pluralista é a que encontramos nas religiões teístas, como os monoteísmos ocidentais (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo) e as tradições dualistas do Vedanta (aquelas de Ramanujacharya e Madhwacharya) e na versão realista pluralista da filosofia Saiva Siddhantha de Meykandar, prevalente no Sul da Índia. “Realista” porque Meykandar ensina que Deus, a alma e o mundo são eternamente separados. Em todas essas linhagens, a crença em um Deus pessoal prevalece. O mundo não é apenas real, mas também mau. A alma precisa encontrar um caminho para sair do mundo e entrar no céu, onde Deus será encontrado. Crença e devoção ao Senhor, Escrituras, rituais, preces e religião institucional são os meios, com ênfase na fé. Além disso, as religiões do Ocidente não incluem a crença na reencarnação e são geralmente escatológicas, significando que esperam por um fim apocalíptico do mundo e pelo Juízo Final, no qual as almas justas serão elevadas ao céu, e as outras almas serão condenadas ao inferno pela eternidade.

Há diferenças filosóficas entre o Monismo e o Pluralismo. Simplificadamente, a escola monista sustenta que, por emanção de Si Mesmo, Deus, ao qual se refere como “Siva” ou “Isso”, criou tudo – o mundo, todas as coisas do mundo e todas as almas. E que o destino final de cada alma é fundir-se em união advática como Isso, assim como as águas de um rio se fundem com as águas do oceano. A escola pluralista de Meykandar postula que Deus Siva não criou o mundo ou as almas, mais que as três entidades existem eternamente, e que o destino último da alma não é a união advática com Deus Siva, mas a associação não dual com ele, em eterna graça e beatitude, uma união comparada à do sal dissolvido na água. Na primeira visão, há manifestação a partir de Siva no início e fusão de volta com Siva no fim, e apenas o Deus Supremo, Siva, é eterno e incriado. Na segunda visão, as diferenças entre os três, Deus, alma e mundo, são eternamente reais. O pluralista realista argumenta que, por ser perfeito, Deus não pode criar almas imperfeitas e um mundo imperfeito com todos os seus sofrimentos. Não há início para a alma, mas eterna coexistência da alma com Siva, do estado kevala, que recua ao tempo absolutamente primordial, ao estado shuddha, que se estende indefinidamente no futuro. Na visão monista, Deus Siva é tudo, e mesmo este universo físico é parte Dele, embora Ele o transcenda também. Na visão pluralista, Deus Siva anima e guia a universo, mas este não é parte Dele. A diferença crucial, então, é se existe uma realidade eterna ou três, se a alma está eternamente separada ou, em essência, é uma com Siva. Esse debate entre o teísmo monista e o realismo pluralista é apresentado em detalhe no último volume de nossa publicação do *Tirumandiram*.

Pergunta: O que é Maya e por que o Siddhantha é considerado um teísmo monista?

Satchidananda: o Siddhantha, assim como o Yoga Clássico, o Shivaísmo da Caxemira e o Tantra, começa com a perspectiva daquilo que se experimenta no plano relativo da existência, no mundo, com todas as suas limitações e fontes de sofrimento. Ele não nega o mundo como “irreal” ou “ilusão de Maya”. O conceito de Maya possui, inclusive, conotações diferentes no Siddhantha em relação ao Vedanta. No Siddhantha, Maya refere-se à ilusão subjetiva, enquanto que, no Vedanta, ela é o poder de ilusão objetiva, por meio do qual a Realidade Unitária parece múltipla. Advaita ou não-dualismo começa e termina na perspectiva de plano absoluto da existência. Apenas Brahman existe. Tudo o mais é apenas aparentemente real. O Siddhantha reconhece que, ainda que entendam seus ensinamentos intelectualmente, apenas poucas pessoas têm o necessário poder de concentração e o caráter desapaixonado e virtuoso para seguir o caminho do Advaita, mantendo sua perspectiva nesse plano absoluto. Então, o Siddhantha recomenda um caminho progressivo conhecido como Sanmarga, que começa na perspectiva do plano relativo e termina na perspectiva do plano absoluto. Então, ele principia no teísmo, a perspectiva da alma encarnada no mundo, e finaliza no monismo, a perspectiva da unidade na identidade, a contínua consciência não-dual Disso. Trata-se, portanto, de um monismo teísta, tal como o Shivaísmo da Caxemira, que, provavelmente, se desenvolveu de maneira paralela ao Siddhantha. O Sanmarga inclui as seguintes quatro fases como preparatórias para a consciência não-dual:

1. Charya – realizar serviços nos santuários ou templos, executando tarefas tais como limpar, juntar flores para adoração, assistir às atividades realizadas no Sancta Sanctorum. É o caminho do servidor, que permanece nas imediações do Senhor.

2. Kriya – aqui, a palavra refere-se à adoração ritualística. A pessoa se torna a “criança de Deus”, próxima e íntima do Senhor.
3. Yoga – é a terceira aproximação, relativa a outras práticas espirituais, como a Kundalini Yoga e a Ashtanga Yoga. A pessoa se torna “amiga de Deus”, e alcança a forma e a insígnia do Senhor, manifestando suas qualidades e poderes. Estes três passos são considerados preliminares.
4. Jñana – o quarto passo refere-se à realização direta, que resulta na completa união com o Senhor. Mas a individualidade não é perdida. O aspecto essencial, comum a Siva e a jiva, é a consciência, Chit. A primeira sendo a mais elevada e a segunda, aquela que é prevalente nos humanos. Em *Yoga Sutras*, I.24, Patânjali nos diz quem é Siva, o Senhor ou Ishavara (palavra composta por Isha + svara, isto é, Siva + o próprio Eu): “Ishavara é o Eu especial, intocado pela aflição, ações, frutos das ações ou quaisquer impressões interiores de desejo”.

No mais profundo e mais puro nível de seu ser, Isso é o que você é, e, para realizar Isso, você precisa se purificar das causas do sofrimento (ignorância, egoísmo, apego, aversão, apego à vida), a perspectiva egoísta de que “Eu sou o autor”, os hábitos a partir dos quais o karma é formado, e os desejos. Aquilo que inicialmente parece ser dois, a alma e Deus, passa a ser visto como apenas Um, após a realização. E isso nos lembra da paradoxal exortação de Jesus, que disse: “Ama teus inimigos”. De fato, se ama seus inimigos, você já não tem inimigos.

Embora esse caminho quádruplo esteja na fundação da cultura religiosa predominante no Sul da Índia, muito poucas pessoas foram além do primeiro ou do segundo estágios. O *Sivavakkiyam*, assim como outras obras literárias dos siddhas, adverte o leitor para não ficar retido em lares transitórios, referindo-se ao que caracteriza os dois primeiros estágios: adoração nos templos, rituais, religião organizada, escrituras e casta. Mas a buscar a realização direta, jñana, por meio da prática de Kundalini Yoga.

Ainda que dualista na aproximação (com seu relacionamento teísta entre a alma e Deus), no plano relativo da existência no qual as almas precisam lidar com ignorância acerca de sua verdadeira identidade, maya (ilusão mental relativa ao tempo, às paixões etc.), karma e gunas, ele é monista no plano absoluto da realidade.

Esse paradoxo pode ser entendido mais claramente por meio de uma analogia que sublinha a importância da perspectiva. Quanto começa a buscar a Deus ou Realidade ou Verdade, o buscador é como a pessoa que caminha rumo a uma montanha. Na distância, a montanha, como Deus ou Realidade ou Verdade, parece tão grande que se torna incognoscível. Isso decorre de uma particular perspectiva no espaço e no tempo. Eventualmente, encontra-se um caminho, talvez dentre os muitos que permitem subir a montanha. Esses caminhos são análogos às várias religiões, filosofias, práticas espirituais ou mesmo ciências. À medida que segue o caminho, a pessoa se torna mais e mais familiar com ele. Ganha conhecimento acerca dele. Sua perspectiva muda enquanto sobe. Quando atinge o topo de montanha, percebe que a perspectiva mudou totalmente. Já não há mais nenhuma diferença entre a pessoa e a montanha. Todavia, nem o Observador nem o Observado mudaram. O buscador e a montanha continuam a ser o que sempre foram. Apenas a perspectiva mudou.

Se, de acordo com o Advaita, apenas Brahman, Isso, é real, então o que dizer a respeito de Maya? Não seria ela também irreal? Adi Sankara, o maior expoente do Advaita, antecipou essa objeção, declarando que Maya, entendida como ilusão objetiva, ou poder por meio do qual o Um parece ser muitos, é inerentemente indeterminada. Isto está longe de ser uma defesa satisfatória. Considerar Maya como o Siddhantha o faz, como ilusão subjetiva, e real no plano relativo da existência, é de longe algo mais satisfatório e útil no processo de se libertar desse poder.

Por isso é tão importante não confundir o plano relativo da existência (o mundo e seu atual estado mental) com o plano absoluto da existência, no qual tudo é visto como Um, ignorando as condições e consequências de cada um. Muitas pessoas que seguem aqueles professores que os críticos denominam “neoadvaitistas” ignoram essa distinção e conseqüentemente acreditam que o mero conhecimento do estado não-dual é suficiente e que não há nada a fazer para realizá-lo e nada a fazer para manter a consciência dele. Isso também indica por que não há palavra para “filosofia” em sânscrito. Todavia, existem seis escolas filosóficas maiores, conhecidas como darshans: Vaisheshika, Nyaya, Samkhya, Mimamsa, Vedanta e Yoga

Pergunta: O que é a iluminação e como ela se relaciona com esta discussão?

Satchidananda: O termo “iluminação” é uma palavra ocidental que, até décadas recentes, não era utilizada por nenhuma das tradições advaitas, exceto pelo budismo, que a empregava para descrever o último estado de liberdade existencial atingido por Buddha, conhecido como “Nirvana”. Eu não me lembro de tê-lo visto na literatura advaita tradicional (Vedanta, Shankara, Ramana Maharshi) ou no Yoga Clássico ou nos tantras hinduístas. Tenho a impressão de que entrou em voga com professores ocidentais recentes, rotulados como “neoadvaitistas”.

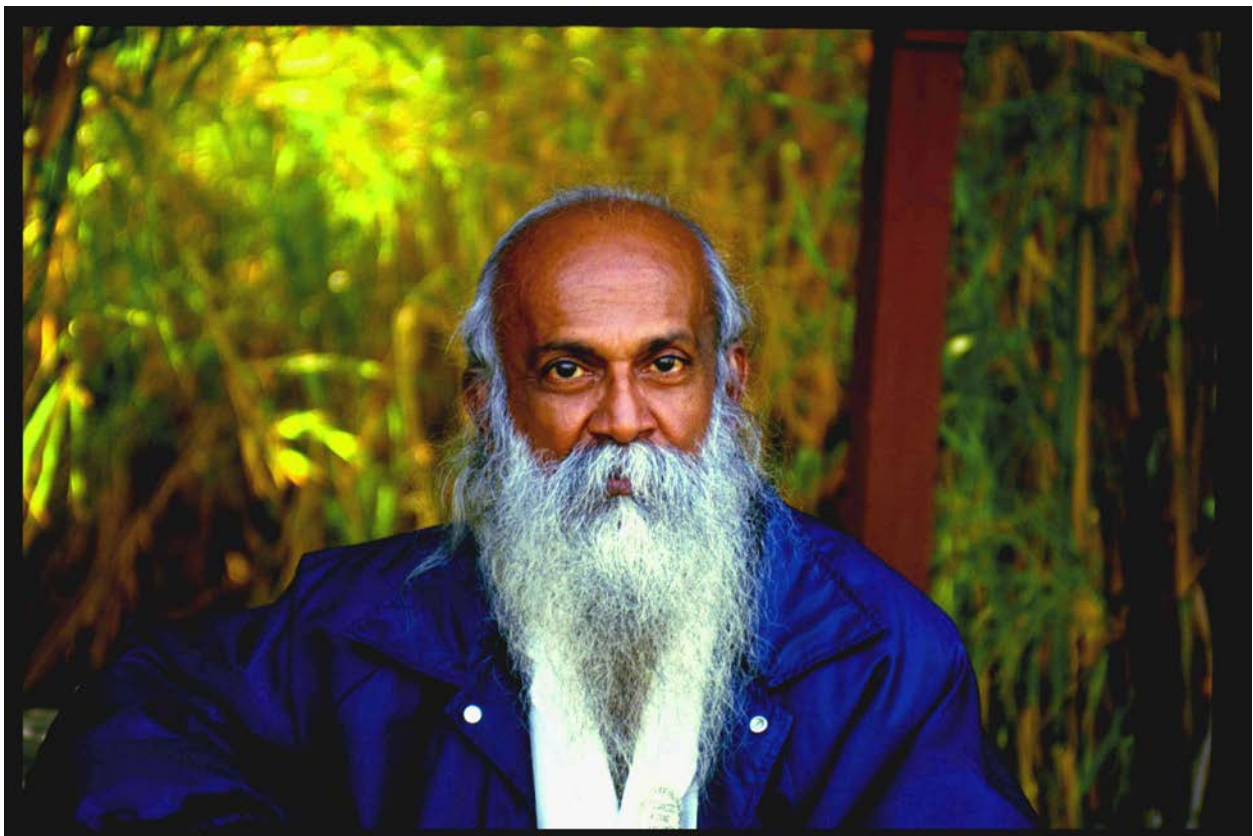
Suspeito de que muito do recente debate entre esses chamados “neoadvaitistas” acerca do que é a “iluminação” ou mesmo de uma “fase pós-iluminação” diz respeito à purificação das manifestações residuais do egoísmo: orgulho, raiva, medo, preguiça e luxúria. Isso parece ocorrer precisamente porque o Ocidente carece não apenas da experiência, mas também da terminologia para descrever os vários graus de iluminação. Meu próprio professor, quando perguntado sobre o assunto, sendo um iogue e um estudioso tâmil, mas não um intelectual, encaminhava seus estudantes aos escritos dos siddhas (que, na época, ainda não haviam sido, em sua grande maioria, traduzidos) ou aos de Sri Aurobindo.

O termo mais próximo a “iluminação” que encontrei na literatura tâmil do Sul da Índia é Vettivel, que se refere ao vasto espaço luminoso da consciência, o bem-aventurado estado de samadhi, consciência transcendental, consciência do próprio ser. É um “lugar” onde os pensamentos cessam, um por um, até que a consciência exista apenas como uma imensidão vazia. Designa a ausência de subjetividade e objetividade. Designa a emancipação em relação ao tempo. É um eterno agora. Um “lugar” que transcende o passado, o presente e o futuro. Um estado não acessível à percepção sensorial, um estado sem marcas distintivas, um céu imaculado. Vettivel é a verdadeira liberdade.

Assim o descreveu o Siddha Paambati:
“Sem forma, sem máculas, fulgurante, onipresente,

Beatífico, indescritível, e a luz interior dos que o conheceram,
O Um, dividindo-se em Brahma, Vishnu e Siva,
Ele é como a coluna de luz que traz a libertação.
Que os pés da Divindade nos protejam”
(Siddha Paambati, “Aforismos de Sabedoria” 28, 1, em *The Yoga of the 18 Siddhas: An Anthology*, páginas 475, 476).

Embora nenhum conjunto de palavras possa capturá-lo, podemos realizá-lo por meio da condução do guru e da prática da Kundalini Yoga, tal como prescrita pelos Siddhas, incluindo os seguintes elementos: o aprendizado direto “aos pés” do guru, e despertar a energia no chakra muladhara e direcioná-la mentalmente para cima, através dos outros cinco chakras, até que ela alcance o sahasrara.



logue S.A. A. Ramaiah (1923-2006)

Pergunta: Por que você disse no início desta entrevista que o Siddhantha começa onde o Advaita termina?

Satchidananda: O iogue Ramaiah respondeu a essa questão sucintamente quando descreveu o objetivo do Siddhantha como sendo a “entrega total”. Embora o advaitim possa abrir mão da perspectiva do ego em prol da perspectiva da alma no plano espiritual da existência, os Siddhas entenderam que a perfeição não é possível em um corpo físico sujeito à doença, em um corpo

vital cheio de desejos e emoções, em um corpo mental neurótico. Eles entenderam que a “iluminação” ou “entrega total” ou “libertação” não pode ser limitada ao plano espiritual da existência. Visualizaram e compreenderam o potencial evolucionário da humanidade, e, na vanguarda dessa perfeição, desenvolveram os meios para realizar o progressivo processo de purificação (shuddhi), envolvendo a entrega da perspectiva do ego e da falsa identificação em todos os planos da existência:

1. No corpo espiritual, anandamayakosha, o indivíduo alcança Sat-Chit-Ananda, Shiva-Shakti ou a Autorrealização, e se torna um santo, em íntima comunhão com o Divino. A perspectiva egoísta ordinária do santo é substituída, ao menos em parte, pela consciência da Presença do Divino. E ele se identifica com o “Observador” ou a “Testemunha”. Mas o mental, o vital e o físico não são transformados, nem se tornam um apoio para a entrega. Se a entrega ou a comunhão do místico é limitada ao plano espiritual da realidade, ele pode continuar preso à necessidade de fazer distinções filosóficas ou teológicas, até que comece a entregar seu ego também no plano intelectual. Além disso, a maioria dos santos não permanece no plano físico tempo suficiente para completar o processo de entrega, por várias razões, que vão da saúde física à aspiração por evadir-se deste “mundo de sofrimento”.
2. No corpo intelectual, vijñanamayakosha, o silêncio reina, o pensamento largamente cessa, e o indivíduo desenvolve jñana siddhi, a habilidade de conhecer as coisas intuitivamente, por identidade, e comunicar esse conhecimento com facilidade. Ele se torna um sábio, guiado primariamente pela sabedoria intuitiva, e abre mão do orgulho de saber, mas permanece distraído pelas naturezas mental, vital e física. O ego perdura, até que a entrega alcance todos os planos da existência. Há sempre o risco de uma queda, e desejo, aversão e apego à vida ainda podem criar sofrimento. Santo Agostinho afirmou: “Senhor, ajuda-me a entregar, mas não ainda”. Isto é, parte de nossa natureza humana inferior, em particular o plano mental, sede da fantasia, e o plano vital, sede das emoções e dos desejos, resiste à transformação que a entrega acarreta.
3. No corpo mental, manomayakosha, o indivíduo desenvolve siddhis associados aos sentidos sutis, a começar pela clarividência, clariaudiência e a clarissenciência. Ele pode desenvolver os dons da profecia, de curar doenças ou de conhecer o passado dos outros por meio do insight intuitivo. Pode também entrar em profundos estados de comunhão com o passado, o futuro ou qualquer aspecto de um objeto sobre o qual se concentre. Ele se torna um Siddha, abrindo mão do orgulho pessoal e da busca por novas experiências, mas pode experimentar emoções perturbadoras e desejos no corpo vital, ainda não entregue.
4. No corpo vital, pranamayakosha, no qual entrega todos os desejos e emoções, e muda sua fidelidade, do ego para aquilo que Sri Aurobindo chamou de “ser psíquico”, o indivíduo torna-se um Mahasiddha. Manifesta, então, outros siddhis extraordinários, que envolvem a própria natureza. Isso pode incluir a materialização de objetos, a levitação, a invisibilidade, a realização de todos os desejos. Embora, segundo seus próprios relatos, eles tenham vivido principalmente na Índia, Tibete, China e Sudeste da Ásia, os Mahasiddhas viajaram por todo o mundo. Mas, ainda neste caso, o processo não se completou, pois o corpo físico não se entregou à descida da consciência suprema até o nível celular.

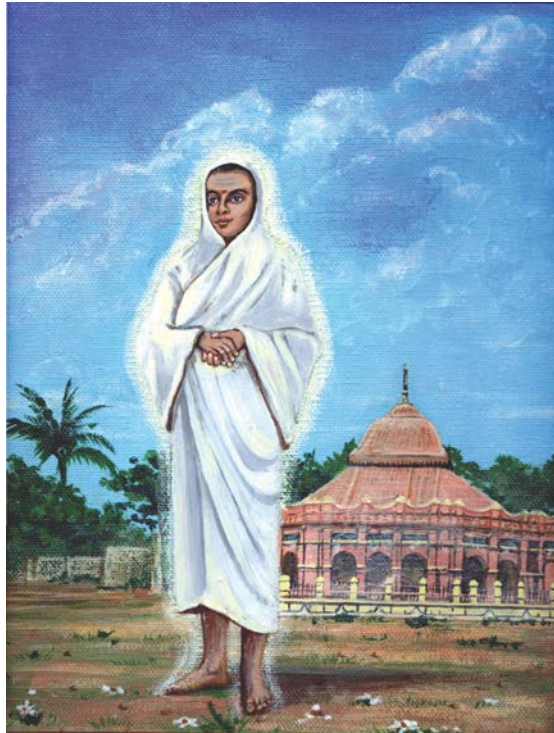
5. No corpo físico, annamayakosha, que se transforma em um corpo divino, divya deha, brilhando com a luz da imortalidade, o processo finalmente se completa. Raríssimos Siddhas foram capazes de entregar seus egos no plano físico, de modo que as próprias células do corpo abandonassem a consciência limitada de seus objetivos metabólicos ordinários para se integrarem plenamente à Suprema Consciência. Os corpos desses grandes Siddhas, emanando a luz da consciência, tornaram-se, então, invulneráveis à doença e à morte. Até os iogues mais sérios tiveram dificuldade para conceber tal transformação, apegados que estavam ao velho paradigma da oposição entre espírito/consciência versus corpo/mundo. Aqueles que atingiram esse estado de realização tornaram-se, então, um Bábaji ou um Boganathar ou um Agastyar. Se eventualmente deixaram o plano físico não foi por que as forças da natureza física os tenha obrigado a isso. Nos escritos dos Siddhas encontramos muitas descrições desse nível de transformação divina.

Pergunta: Por que os Siddhas não se consideram especiais e pouco ou nada falam de suas vidas pessoais?

Satchidananda: O Siddha Patânjali afirma que, até que os velhos hábitos de se identificar com o corpo e a mente sejam completamente desenraizados, pelo repetido retorno à fonte da consciência, o ego será capaz de iludir até mesmo os santos ou Siddhas. Eles podem, por exemplo, usar seus poderes para atrair a atenção pública. Porém, uma vez que a entrega ocorra até mesmo no nível físico, o ego é banido para sempre. A pessoa torna-se, literalmente, nada especial, porque se identifica apenas com Isso, que tudo permeia: a pura consciência. Certos Siddhas alcançaram, ao longo dos tempos, tal estado. E estes não enfatizaram ou atribuíram importância às suas pessoas, seus poderes, suas biografias ou suas atividades, porque tudo isso não era “deles”. Esses seres iluminados eram instrumentos da Força e da Luz Divinas e toda ação ou repouso que se manifestava por meio deles deviam-se ao Poder Divino. Não é por acaso, então, que saibamos tão pouco sobre esses Siddhas, o que fizeram ou detalhes de suas vidas pessoais, mas conheçamos seus sábios ensinamentos. Foi a sabedoria que eles alcançaram e nos deixaram como um legado. Foi essa consciência, essa sabedoria, essa experiência da Realidade Última que consideraram da maior importância, porque lhes mostrou o caminho de volta ao “Reino dos Céus”. Enfatizando a pessoa do professor, mais do que o seu ensinamento, religiões como o cristianismo e o budismo foram formadas. Buddha não era budista. Jesus não era cristão. Os ensinamentos de Jesus, suas parábolas, foram substituídos por uma religião sobre sua pessoa, apesar do fato de que existam tão poucos detalhes históricos acerca de sua vida. Buddha, que era hinduísta, buscou substituir o ritualismo por ensinamentos sobre como evitar o sofrimento.

Um Siddha pode ser chamado a permanecer no mesmo corpo físico por tempo indeterminado, ou transmigrar para outro corpo, ou desmaterializar-se, ou ascender como Jesus o fez, ou ocupar, ao mesmo tempo, mais de um corpo visível, em lugares diferentes. Há o exemplo bem documentado de Ramalinga Swamigal, do final do século XIX, cujo corpo não projetava sombra, e não podia ser ferido nem fotografado, apesar de repetidas tentativas feitas por fotógrafos peritos, e que desapareceu dramaticamente da Terra em um lampejo de luz violeta. Desde então, ocorreram numerosos relatos sobre a reaparição de Ramalinga de tempos em tempos, para atender às necessidades de seus devotos. Crianças e devotos do Sul da Índia continuam a cantar os mais de 40 mil poemas e canções que ele escreveu, exaltando o caminho da “Suprema Luz da Graça”. Há

também o exemplo de Kriya Bábaji, descrito da *Autobiografia de um iogue* e em *A voz de Bábaji: uma trilogia em Kriya Yoga*, e dos Siddhas Agastyar e Boganathar e de Sri Aurobindo, que deixaram relatos detalhados sobre seus processos de entrega no nível do corpo físico e obtenção de várias formas de imortalidade. Como Mircea Eliade afirmou, os Siddhas são aqueles que “entenderam a libertação como a conquista da imortalidade”.



Ramalinga Swamigal em Vadalur, Tamil Nadu, Índia
(com permissão de M. Govindan)

Pergunta: Qual é o significado dos siddhis ou poderes milagrosos dos iogues?

Satchidananda: Os siddhis são descritos em detalhes no terceiro capítulo dos *Yoga-Sutras* de Patânjali. São resultados de samyama, ou comunhão, definida por ele como a combinação de concentração, meditação e absorção cognitiva (samadhi). Como qualquer coisa, eles também podem se tornar um obstáculo, se virarem meio de realização de algum apego egoísta. No entanto, quando visto na perspectiva de Siddhantha, são subprodutos do processo de divinização da natureza humana, em que a natureza inferior dirigida pelo ego é substituída ou se rende a uma natureza mais elevada, dirigida pelo secreto e mais alto Eu, Ishvara ou Purushottama. Este processo foi descrito em detalhes nos escritos dos 18 Siddhas e de Sri Aurobindo e da Mãe.

Os escritos dos 18 Siddhas Tâmeis, particularmente aqueles de Boganathar e Tirumular, fornecem ricos e inspirados relatos em primeira pessoa desse processo. Eles também descrevem os métodos de Kundalini Yoga, especialmente relacionados com a respiração, para permitir e acelerar o processo.

Tal processo também foi descrito com grandes detalhes por Sri Aurobindo. No entanto, ele o imaginou como um meio de acelerar a evolução da humanidade como um todo, uma vez que o Supramental tivesse descido em um número suficiente de praticantes avançados da Yoga Integral. Ele resumiu essa Yoga em três palavras: “aspiração, desapego e entrega”.

Pergunta: Qual é a relação entre a Kriya Yoga de Bábaji e o Siddhantha?

Satchidananda: A Kriya Yoga de Bábaji é a destilação do Siddhanta. É um caminho quádruplo que combina o cultivo do desapego e a meditação do Yoga Clássico, conforme descrito nos *Yoga Sutras* de Patânjali, com a Kundalini Yoga dos Siddhas. Este caminho quádruplo inclui:

Kriya Hatha Yoga: com ásanas (posturas físicas de relaxamento), bandhas (travas musculares) e mudras (gestos psicofísicos que trazem saúde, paz e o despertar dos principais canais de energia, os nadis, e dos centros de energia, os chakras). Bábaji selecionou uma série particularmente eficaz de 18 posturas, que são ensinadas em estágios e em pares. Cuida-se do corpo físico não para si mesmo, mas como um veículo ou templo do Divino.

Kriya Kundalini Pranayama: é uma poderosa técnica de respiração para despertar a nossa energia potencial e consciência e distribuí-las aos sete principais chakras, entre a base da coluna vertebral e o topo da cabeça. Ela desperta as faculdades latentes associadas aos sete chakras e nos transforma em um dínamo em todos os cinco planos da existência.

Kriya Dhyana Yoga: é uma série progressiva de técnicas de meditação, para aprender a arte científica de dominar a mente, limpar o subconsciente, desenvolver a concentração, a clareza mental e a visão, e despertar as faculdades intelectuais, intuitivas e criativas, e para nos levar ao estado sem respiração de comunhão com Deus, o Samadhi, e à autorrealização.

Kriya Mantra Yoga: é a repetição mental silenciosa de sons sutis para despertar a intuição, o intelecto e os chakras. O mantra se torna um substituto para o ego, centrado na tagarelice mental, e facilita o acúmulo de grandes quantidades de energia. O mantra também limpa tendências subconscientes habituais.

Kriya Bhakti Yoga: o cultivo da aspiração da alma pelo Divino. Inclui atividades devocionais e serviço para despertar o amor incondicional e a felicidade no corpo espiritual. Pode incluir cantos devocionais. Gradualmente, todas as atividades da pessoa ficam embebidas em doçura, quando o Amado é percebido em todos.

Pergunta: O “caminho quántuplo” da Kriya Yoga de Bábaji me faz lembrar dos vários tipos de Yoga recomendados por Sri Krishna na Bhagavad Gita, de acordo com natureza ou caráter essencial (svabhava) do indivíduo:

1. Karma yoga para aqueles que se sentem chamados por sua própria natureza (svabhava) para servir abnegadamente por meio de suas ações;
2. Bhakti yoga para aqueles que se sentem chamados por sua própria natureza a amar o Senhor, ou amar os outros, ou amar o Senhor nos outros;
3. Raja yoga para aqueles que se sentem chamados por sua própria natureza a buscar a verdade, voltando-se para o interior em meditação;
4. Jñana yoga para aqueles que se sentem chamados por sua própria natureza a buscar a verdade mediante o cultivo do autoconhecimento e da sabedoria.

Como se pode decidir qual desses é o melhor caminho para si mesmo?

Satchidananda: Nós podemos ver que há uma lei constante nessa tipologia, e que cada indivíduo age não só de acordo com as leis comuns do espírito humano, a vontade, a mente, a vida, mas de acordo com sua natureza própria ou caráter essencial (svabhava), a lei do Eu Superior, da Alma.

A natureza promove o desenvolvimento de cada um segundo as possibilidades de seu ser potencial. De acordo com o que somos, de como agimos, e de que ações desenvolvemos, nós nos trabalhamos. Cada homem ou mulher cumpre diferentes funções ou segue uma inclinação diferente de acordo com a regra de suas circunstâncias próprias, capacidades, caráter, poderes.

A *Gita* enfatiza que a natureza de cada um deve ser respeitada e realizada, mesmo que de forma imperfeita, e que isso é melhor do que a realização perfeita da natureza alheia. A ação deve ser corretamente conduzida, executada a partir de dentro de si mesmo, em harmonia com a verdade interior, e não por uma motivação externa, como as expectativas sociais, ou por impulsos mecânicos, como o medo ou o desejo.

Para conhecer a própria natureza, é necessário desapego, autoestudo e discernimento. Uma vez identificada essa natureza, pode-se decidir qual dos caminhos mencionados melhor ajuda a realizar o potencial que deriva desse caráter essencial, levando à autorrealização.

Até então, alguma prática regular de todos eles vai criar o equilíbrio necessário para que a pessoa possa perceber claramente seu svabhava. Até então, a pessoa também pode sentir uma necessidade de seguir um ou mais desses caminhos ou yogas. Por exemplo, se estiver fisicamente fraca ou nervosa, ela pode praticar mais de ásanas ou pranayamas; se sentir falta de amor em sua vida, pode ser atraída a praticar mais bhakti yoga, cultivando o amor e a devoção; se tiver muitas dúvidas e perguntas, mais de jñana yoga, com o estudo da literatura da sabedoria e autorrecordação.

Depois da autorrealização, quando a alma se torna identificada com o Eu Oculto, Ishvara, ela se torna o instrumento do Divino, assumindo sua potencial natureza maior. Ele é capaz de alterar o

seu funcionamento natural, e empreender uma ação divina em qualquer área da vida, seja pelo serviço, pesquisa, liderança, negócios ou arte.

A pessoa espiritualmente autorrealizada torna-se uma “trabalhadora divina”, encontrando o Divino não só em si mesma, mas em todos os seres. Sua identidade integra conhecimento, amor e ação, e os caminhos ióguicos de jñana, bhakti e karma, prescritos na *Gita*. Tendo percebido a sua unidade com tudo na dimensão espiritual, sua igualdade é plena de simpatia. Ela vê a todos como a si mesma e não está interessada apenas em sua salvação.

Pergunta: Se as práticas dos Siddhas são tão benéficas, por que elas são mantidas em segredo? Por que são ensinadas apenas durante iniciações?

Satchidananda: A iniciação é um ato sagrado, no qual o indivíduo tem a experiência inicial dos meios para alcançar uma verdade. Esses meios, no caso, são as kriyas ou técnicas ióguicas práticas, e a verdade é um portal para o eterno e infinito Um. Porque essa verdade está além do nome e da forma, ela não pode ser comunicada por meio de palavras ou símbolos. Pode ser experimentada, porém, e, para isso, a pessoa precisa de um professor, que possa compartilhar com ela sua própria experiência dessa verdade. A técnica torna-se um veículo por meio do qual o professor compartilha com o praticante os meios para realizar essa verdade em si mesmo. Por essa razão, muitas dessas práticas, ou kriyas, não são descritas em detalhes nos escritos dos Siddhas. Elas são reservadas para o treinamento pessoal junto a um professor qualificado.

Durante a iniciação, sempre há a transmissão de energia e consciência do iniciador para o iniciante, mesmo que o iniciante não esteja consciente disso. A transmissão pode não ser efetiva se o estudante estiver cheio de perguntas, dúvidas ou distrações. Então, o iniciador se esforça para preparar o iniciante de antemão e para controlar o ambiente de modo que essas perturbações potenciais sejam minimizadas. O iniciador assume, de fato, a consciência do iniciante, e a expande para além de suas fronteiras vitais e mentais habituais. Existe uma espécie de fusão das fronteiras ordinárias vitais e mentais do iniciador e do iniciante, e isso facilita grandemente o movimento da consciência para um plano mais elevado. Ao fazê-lo, ele abre o iniciante para a existência de sua própria alma ou Eu Superior, que, até então, havia permanecido velado na maioria dos indivíduos. Elevando a consciência do iniciante, este tem pelo menos os vislumbres iniciais de sua consciência potencial e poder. Isso é o que se entende pela ascensão da Kundalini do discípulo. E, na maioria das vezes, não é algo realizado de maneira dramática em uma sessão inaugural, mas ao longo de um período, dependendo da diligência do estudante em pôr em prática o que aprendeu.

Para a iniciação ser efetiva, duas coisas são essências: a preparação do estudante ou iniciante e a presença de um iniciador que tenha realizado seu próprio Eu. Embora muitos buscadores espirituais enfatizem esse último aspecto, e busquem um guru perfeito, poucos se ocupam de sua própria preparação. Isso talvez seja uma falha da natureza humana, buscar alguém que “faça por nós”. Isto é, que nos dê a autorrealização e a realização divina.

Embora o guru ou professor possa colocá-lo no caminho certo, o buscador deve, ele mesmo, comprometer-se em seguir essa direção. E, ainda que o buscador possa estar intelectualmente

comprometido com isso, muito frequentemente a natureza humana o faz derivar para a distração, a dúvida ou o desejo. Então, mesmo que encontre o professor perfeito, se o buscador não tiver cultivado qualidades como fé, sinceridade, paciência e perseverança, a iniciação pode se tornar tão fútil quanto espalhar sementes sobre um piso de concreto.

Por essa razão, tradicionalmente, a iniciação é restrita apenas àqueles que se prepararam, às vezes com anos de antecedência. Embora a primeira iniciação possa ser disponibilizada para um grande número de aspirantes qualificados, somente aqueles que cultivaram as qualidades descritas do discípulo, estão aptos a receber as iniciações superiores.

Há uma essencial e sagrada transmissão de consciência e energia entre o iniciador e o iniciante que empodera as técnicas. É por isso que as tradições iniciáticas lograram transmitir a experiência direta da verdade de uma geração à geração seguinte com tanta eficiência. Sua força reside no poder e na consciência daqueles que executaram essas práticas intensamente e, assim, realizaram sua verdade. O professor também permanece uma fonte de inspiração e condução para o estudante. Por todas essas razões, as técnicas são mantidas em segredo, reservadas para o contexto de uma iniciação pessoal por meio de um professor qualificado.

Pergunta: Qual é o valor do corpo humano para o desenvolvimento espiritual?

Satchidananda: Os Siddhas referem-se às três grandes bênçãos na vida. Primeiro, ter nascido com um ser humano, o que é extremamente raro. Apenas quando encarnada no plano físico a alma pode crescer em sabedoria e purificar-se das manchas ou grilhões. Segundo, encontrar o caminho espiritual, o que também é muito raro, com todas as distrações dos cinco sentidos e a confusão da mente e do intelecto. Terceiro, encontrar o preceptor espiritual, o guru, cujos ensinamentos e exemplos guiam a alma rumo à libertação. Uma vez encontrado, o progresso em direção ao objetivo pode se tornar rápido se a pessoa mantém seu corpo físico saudável e se aplica nas disciplinas espirituais e ensinamentos prescritos por seu guru e tradição.

Os Siddhas viram o corpo como o templo de Deus, e, por isso, fizeram todos os esforços para mantê-lo saudável e para estender sua vida, de forma a ganhar tempo suficiente para completar o processo de entrega completa ao Divino, que era seu objetivo final. Como mestres tântricos, eles buscaram transformar para aperfeiçoar sua natureza humana. A perfeição – entenderam – não podia ser limitada ao plano espiritual. A iluminação, em um corpo físico doente, em um corpo vital cheio de desejos, em um corpo mental neurótico, não era perfeição.

Reconhecendo que o corpo físico era ignorante de seu potencial, e, por isso, sujeito ao decaimento metabólico e à doença, e utilizando os memoráveis poderes mencionados anteriormente, os Siddhas empreenderam um estudo sistemático da natureza e de seus elementos, a partir do qual se tornaram habilitados a desenvolver um sistema de medicina altamente avançado, conhecido como “medicina siddha”, com muitos remédios efetivos únicos, que até hoje é praticado no Sul da Índia. Redigiram muitos tratados médicos sobre a longevidade que, atualmente, constituem o fundamento de um dos quatro sistemas de medicina reconhecidos pelo governo da Índia.

Reconhecendo que estavam em uma corrida contra o tempo, para completar a transformação do corpo físico antes de sua morte, também desenvolveram uma fórmula mineral e vegetal única, conhecida como kaya kalpa, para estender a vida. Mas acreditavam que apenas a respiração iogue, kundalini pranayama, poderia completar finalmente esse processo.

O Siddha Tirumular ofereceu um vislumbre desse entendimento da longevidade em sua definição de medicina:

“Medicina é o que cura as desordens do corpo;
Medicina é o que cura as desordens da mente;
Medicina é o que previne as doenças;
Medicina é o que propicia a imortalidade”.

Os Siddhas descobriram por que o corpo envelhece e desenvolveram passos para prevenir o envelhecimento. Eles, por exemplo, descobriram que o período de vida de todos os animais é inversamente proporcional à frequência de sua respiração. Isto é, que, quanto mais lenta a respiração, maior a duração da vida. Reciprocamente, quanto mais rápida a respiração, menor o período de vida. Animais como a tartaruga marinha, a baleia, o golfinho e o papagaio, que respiram poucas vezes por minuto, vivem por longos períodos, às vezes mais tempo que os humanos. Ao passo que animais como o cão e o rato, que respiram cinco vezes mais rápido do que os humanos, têm, com regra, vidas muito mais curtas do que a nossa. Os Siddhas sugeriram que se pudermos respirar mais lentamente ou menos vezes por minuto, poderemos viver por cem anos. É quando a respiração se torna agitada ou habitualmente muito rápida que nosso período de vida é reduzido.

Pergunta: O que é o neoadvaita e por que ele é controverso?

Satchidananda: O moderno movimento Advaita dividiu-se em duas facções: uma permaneceu comprometida com uma articulação mais tradicional do Advaita Vedanta; a outra afastou-se de maneira significativa desse sistema espiritual tradicional. Ao longo dos últimos 15 anos, a facção Traditional Modern Advaita (TMA) lançou e sustentou uma ampla crítica contra os professores e ensinamentos da Non-Traditional Modern Advaita (NTMA). Essa cisão é parecida, de várias maneiras, com o que ocorreu, durante os últimos 20 anos, entre os ensinamentos tradicionais do Yoga e aqueles que estão ensinando Yoga prioritariamente como um empreendimento empresarial. Existem atualmente mais de 200 autoproclamados professores da NTMA, segundo um artigo recente. O professor Philip Lucas escreveu um excelente artigo, intitulado “Not So Fast, Awakened Ones: Neo-Advaitin Gurus and their Detractors”, no *The Mountain Path*, o jornal do Ramana Maharshi Ashram, Volume 49, nº 1, Janeiro-Março de 2012, republicado, em versão expandida, no jornal acadêmico *Nova Religio. The Journal of Alternative and Emergent Religions*, volume 17, nº 3, Fevereiro de 2014, páginas 6-37, publicado pela University of California Press, e disponível em <http://www.jstor.org/stable/10.1525/nr.2014.17.3.6>. Eu recomendo enfaticamente esse artigo, pois ele é relevante para todos os estudantes de Kriya Yoga, que podem estar se perguntando se as ofertas do NTMA não seriam uma alternativa efetiva à sadhana da Kriya Yoga de Bábaji. Ele é igualmente instrutivo para qualquer buscador da não-dualidade, monismo ou Verdade.

Eu gostaria de, primeiramente, sumarizar as cinco principais críticas feitas pela Traditional Modern Advaita contra os professores e ensinamentos do neoadvaitismo, de acordo com o professor Lucas, e de compartilhar meus comentários com vocês. A primeira envolve a alegação de que os professores neoadvaitas rejeitam a necessidade da sadhana ou do esforço espiritual no processo de autorrealização. A segunda, de que ignoram a necessidade do desenvolvimento moral e do cultivo de virtudes como pré-requisito para a autêntica realização espiritual. A terceira, de que o neoadvaitismo não possui o conhecimento dos textos, da língua e das tradições associadas ao Advaita. Consequentemente, muitos desses professores começaram a ensinar pouco tempo depois de sua primeira "experiência" de despertar, sem estarem estabelecidos no estado de sahasramadhi (a contínua consciência não-dual) necessária para um ensino efetivo. A quarta refere-se ao formato de satsanga usado pelos professores neoadvaitas e a prontidão de seus participantes. Os críticos afirmam que esses professores só estão preocupados com empoderamento espiritual, autoajuda e pertencimento ao grupo, e oferecem experiências de "iluminação instantânea" em vez de assistência continuada na tarefa de purificação do ego. A quinta diz que os professores neoadvaitas não fazem distinção entre os planos absoluto e relativo da existência. Consequentemente, dão pouco ou nenhum suporte para uma vida comprometida com a disciplina espiritual, o desenvolvimento nas dimensões física, emocional, mental e intelectual, e o engajamento na sociedade. Todo o seu foco reside no estado final da realização espiritual. Isso dá à pessoa a ilusão de estar liberta ou desengajada da vida ordinária.

Em suma, os professores neoadvaitas removeram os requerimentos essenciais da abordagem do Advaita em relação à libertação, dizem os críticos, e os substituíram por um tipo de pseudo-espiritualidade, que não é efetivo e pode ser prejudicial. Seu artigo também discute o "modelo econômico" da religião e o fenômeno de "adaptação" da religião quando ela se desloca de uma cultura a outra.

Eu, pessoalmente, ouvi vários professores e estudantes de Advaita afirmarem que não precisam mais de sadhana, que "não é preciso praticar yoga", porque eles já estão iluminados ou por alguma outra razão. A segunda crítica refere-se a algo que lembra a tendência de professores e estudantes de Yoga do Ocidente ignorarem o primeiro passo do Yoga, os yamas, ou restrições sociais: não praticar violência, não mentir, castidade, não roubar, não cobiçar. A terceira refere-se a ignorar um dos componentes do segundo passo do Yoga, o "niyama" do "autoestudo", que envolve o estudo dos textos de sabedoria que servem como espelhos para o Eu verdadeiro. A quarta refere-se a algo similar à simplificação dos demais passos da Clássica Yoga Ótupla e sua substituição, no Ocidente, apenas por ásanas, voltadas para a boa condição física, perda de peso ou manejo do estresse, preocupações mundanas características da cultura ocidental. A quinta área de críticas refere-se a algo particular ao Advaita, porque este é quase inteiramente uma abordagem intelectual, com nenhum meio visível para distinguir ou verificar quem é "iluminado". Consequentemente, um professor presunçoso do neoadvaita pode facilmente mimetizar a fala ou ensinamento de um mestre do Advaita tradicional, como Ramana Maharshi ou Nisgaradatta Maharaj.

Após ler o artigo do Professor Lucas em *Mountain Path*, dois anos atrás, eu escrevi a ele. E ele me pediu para enviar meus comentários ao seu artigo. Após fazê-lo, ele expressou sua concordância com meus comentários. Como é um professor de religião na Stetson University, na Florida, a poucas milhas de onde eu vivo no inverno, nós nos encontramos para jantar recentemente. Aqui estão os comentários sobre seu artigo que eu enviei a ele:

1. O “modelo econômico de religião” ajuda a explicar muito dessa bifurcação, particularmente no Ocidente, onde há um mercado espiritual para a “iluminação” “fácil” e “instantânea” entre pessoas que passaram a esperar coisas “fáceis” e “instantâneas” em todas as esferas. Os humanos são, por natureza, preguiçosos, e, então, buscam pelo “mais fácil” e “mais rápido” meio possível, criando efetivamente a demanda por professores que, por seu turno, irão supri-lhes uma “fácil” e até “instantânea” experiência de “iluminação”. “Apenas participe de meu satsangha” ou “participe de meu seminário de transformação” ou “leia meu livro”, “e você também poderá se tornar iluminado” são o tipo de campanha publicitária à qual muitos novíços irão sucumbir no mercado espiritual. O fato de que isso possa custar algo, mesmo uma grande quantidade de dinheiro, apenas realça o valor dessa promessa aos olhos dos consumidores neófitos. O fato de que eles tenham pouca ou nenhuma ideia do que a “iluminação” realmente é torna a tarefa desses professores ainda mais fácil. Mas, quando os vendedores e consumidores nesse mercado começarem a perceber que sua crença nessa “iluminação” não resolve os problemas associados à natureza humana, ou mesmo sua crise existencial, alguns deles, que sinceramente buscam a “iluminação”, irão se deslocar para as ofertas maduras da Traditional Modern Advaita. Muitos outros permanecerão satisfeitos com os lampejos fugazes disso oferecidos nos satsanghas do advaitismo moderno não tradicional, com suas recompensas emocionais e sociais.
2. Os ocidentais, especialmente os norte-americanos, ignoram qualquer coisa sobre religião que vá além daquilo que se lembram da escola dominical. A maioria dos norte-americanos é incapaz de distinguir “teísmo”, “monismo”, “ateísmo”, “agnosticismo” e “gnosticismo”. E, porque a Constituição dos Estados Unidos proíbe a educação religiosa em escolas públicas, muitos sequer pensam no assunto ao qual as religiões orientais como o Advaita se referem: o sofrimento existencial. Então, eles estão despreparados para sequer considerarem muito do que a TMA requer.
3. A palavra guru perdeu sua aura de respeitabilidade no Ocidente, desde os escândalos que comprometeram a reputação de quase todos os gurus hinduístas ou budistas que visitaram o Ocidente durante o último quarto de século. Consequentemente, os ocidentais, com raras exceções, dificilmente buscam um guru, ao passo que os indianos geralmente o fazem. Esse fato, acredito, explica, em grande medida, a razão da divisão que você descreveu entre o NTMA e o TMA. Esse fenômeno ocorreu em escala muito maior no domínio do Yoga. Os escândalos associados com muitos gurus de Yoga indianos durante os anos 1960 e 1970 levou à sua substituição por aquilo que o *Yoga Journal* orgulhosamente chama de American Yoga, que é orgulhosamente antiguru, individualista, comercial, competitiva, terapêutica, atlética, centrada no corpo, não religiosa e fragmentada.
4. Você pergunta: “Quantos elementos do sistema Advaita podem ser descartados antes que sua eficácia como meio de libertação espiritual seja definitivamente comprometida?” Isso

realmente coloca a questão: “Quem nos tempos modernos se tornou ‘espiritualmente liberto’ ou ‘iluminado’ e o que o distingue dos outros?” Eu diria que bem poucas pessoas de fato o conseguiram. Seu artigo falha em abordar a questão sobre como é possível julgar se alguém é iluminado ou não. Seria muito útil fazer no mínimo a distinção entre experiência “iluminadoras”, tais como são comumente reportadas, e o estado permanente de iluminação. Embora isso possa estar fora do escopo do seu artigo, dado que o tema é “iluminação” e o debate sobre como alcançá-la, algum critério para julgar o que isso é e o que isso não é seria útil. Na literatura do Yoga Clássico, como nos *Yoga Sutras* de Patânjali, e nos Tantras shivaístas ou budista, os vários níveis de samadhi, “autorrealização” ou “iluminação” são descritos. Abordando esses pontos, você poderia começar a responder à questão apresentada no início desse parágrafo.

Pergunta: Por que é importante entender o Siddhantha, o Advaita e o Yoga?

Satchidananda: Eles são mapas para a libertação espiritual e a libertação do sofrimento inerente à natureza humana. Eles informam a prática ou sadhana. No Ocidente, muitas pessoas permanecem ignorantes acerca de seus ensinamentos, e simplesmente tentam fazer várias práticas sem entender seus objetivos e propósitos filosóficos. Então, quando os ocidentais, se tornam entediados ou insatisfeitos com uma prática, eles buscam outra. Eles colecionam técnicas. É como trocar de um carro e guiar a esmo, sem saber para onde ir. Na Índia, até recentemente, muitas pessoas educadas conheciam alguns aspectos das escolas filosóficas ou darshans, mas não praticavam as técnicas espirituais ou yoga. Prática, informada pelos ensinamentos subjacentes, garante o progresso rumo à realização do sankalpa ou intenção. Entendendo o Siddhantha, o Advaita, o Yoga e outros caminhos espirituais, pode-se escolher que objetivo se deseja perseguir e criar a firme intenção de realiza-lo. Mesmo que seu objetivo seja um não objetivo, mas simplesmente ser, enquanto estiver no mundo, você terá que agir, e suas ações precisam estar informadas pela sabedoria se você pretende evitar o sofrimento e evitar causar sofrimento aos outros.

Copyright Marshall Govindan © 2014

Para mais informações sobre este assunto, leia os seguintes livros publicados por Bábaji's Kriya Yoga and Publications, disponíveis em nossa loja virtual em:
<http://www.babajiskriyayoga.net/English/bookstore.htm>

1. Tirumandiram, por Tirumular, Edição 2013, 5 volumes
2. Babaji and the 18 Siddha Kriya Yoga Tradition, 8ª edição (também disponível em português)
3. Kriya Yoga Sutras of Patanjali and the Siddhas, 3ª edição (também disponível em português)
4. The Yoga of Boganathar, volumes 1 e 2
5. The Yoga of Tirumular: Essays on the Tirumandiram, 2ª edição
6. The Wisdom of Jesus and the Yoga Siddhas
7. The Yoga of the 18 Siddhas: An Anthology
8. The Poets of the Powers, por Kamil Zvebil

E:

The Alchemical Body: Siddha Traditions in Medieval India, por David Gordon White, publicado pela University of Chicago Press, 1996

The Practice of the Integral Yoga, por J.K. Mukherjee, publicado por Sri Aurobindo Ashram Publications Department, Pondicherry, Índia, 605002. 2003

Letters on Yoga, volumes, 1, 2 e 3, por Sri Aurobindo, publicado por Sri Aurobindo Ashram Publications Department, Pondicherry, Índia, 605002.

The Integral Yoga, por Sri Aurobindo, publicado por Sri Aurobindo Ashram Publications Department, Pondicherry, Índia, 605002.

The Divine Life, por Sri Aurobindo, publicado por Sri Aurobindo Ashram Publications Department, Pondicherry, Índia, 605002.

“Not So Fast, Awakened Ones: Neo-Advaitin Gurus and their Detractors,” em *The Mountain Path*, o jornal do Ramana Maharshi Ashram, Volume 49, número 1 (Janeiro -- Março 2012) e republicado em verão ampliada em *Nova Religio, The Journal of Alternative and Emergent Religions*, volume 17, número 3, Fevereiro 2014, páginas 6-37, publicado por University of California Press, disponível em

